

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

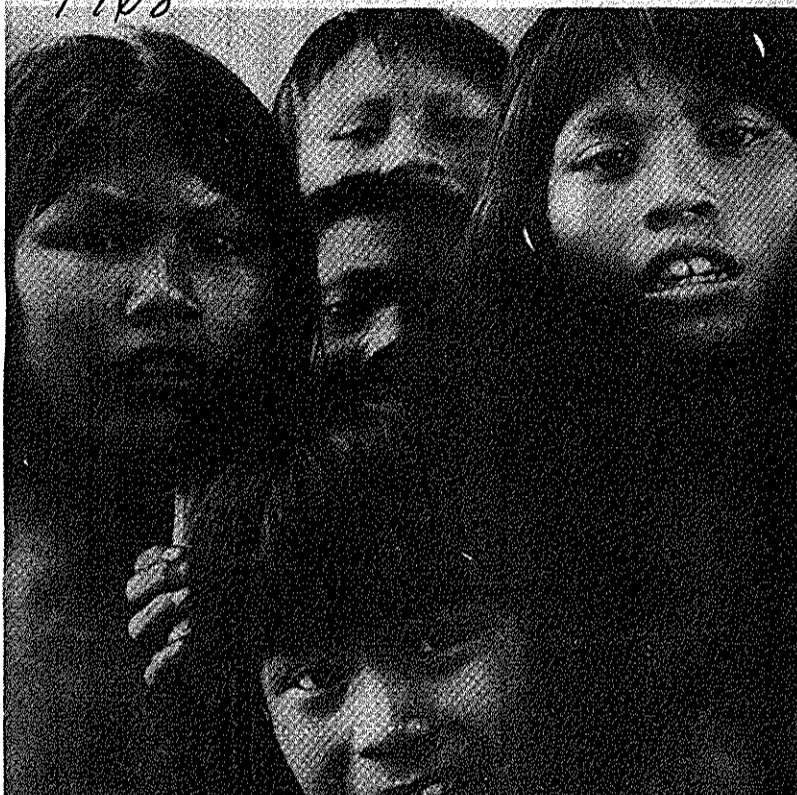
Fonte Jornal de Brasília (D.F.)

Class.: 57φ

Data 13 de outubro de 1984

Pg.: _____

Grito índio: queremos viver



Crianças Kaiapó do Rio Bacajá Xingu

Katia Aguiar

"A causa indígena no Brasil é uma das questões cruciais do país e constitui um desafio para cada brasileiro". Essa declaração é do secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil dom Luciano Mendes de Almeida, na apresentação do texto-base em comemoração à Semana do Índio que se realizará de 15 a 21 de abril do próximo ano, cujo tema será "Queremos Viver", e promovida pela CNBB e pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

— Nessa semana queremos crescer na consciência da situação indígena. Queremos assumir a angústia, a dor, a injustiça em que vivem nossos índios. Queremos optar pelos mais pobres entre nossos pobres, servindo na sua libertação integral. Queremos viver o clamor dos índios contra projetos econômicos, feitos para o desenvolvimento nacional, esbulhando as terras, saqueando os recursos naturais e destruindo a ecologia das áreas indígenas, assinala dom Luciano.

Ele prossegue afirmando que "queremos sentir o anseio de viver dos líderes indígenas assassinados e dos povos indígenas provocados com diversos conflitos internos e externos. Queremos participar da decisão dos índios contra o genocídio e o integracionismo que os divide".

De acordo com o texto-base, o grito dos povos indígenas Queremos Viver é um sinal do tempo, como o grito das classes trabalhadoras, das mulheres e dos povos "colonizados". "Queremos viver é o grito dos índios contra o opressor histórico de ontem e a opressão estrutural de hoje, que ameaça a sua vida".

— O grito não é de hoje, vem de cinco séculos de colonização dos povos indígenas. Queremos Viver é o grito de Marçal Guarani barbaramente assassinado na aldeia de Campestre em Mato Grosso do Sul, dia 25 de novembro de 1983 — porque não aceitou as propostas de corrupção de fazendeiros que queriam suas terras —. Mas é também o grito histórico do povo Guarani, assaltado nas suas reservas Bandeirantes, nos séculos XVII e XVIII, e arrasado pelos canhões de portugueses e espanhóis, inimigos que se unira depois do Tratado de Madri, em 1750 para exterminar os Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai no período de 1754 a 1756, diz o texto.

Queremos Viver — continua o documento — é o grito de 14 povos cercados pelo Projeto Grande Carajás que cinicamente leva o nome do povo Karajá e que é "grande" somente nas dimensões do saque mineral programado. É o grito causado pela estrutura fundiária, que visa a integração da terra e dos recursos naturais dos índios ao "modelo" de desenvolvimento excludente para a maioria do povo e predatório para o meio ambiente, concentrador de renda nas mãos de poucos e gerador de dívidas para todos.

— Queremos Viver é o grito de Ajuricaba e do seu povo, os Manauá; é o grito de tantos povos extintos da face da terra, da terra que era sua. Atrás de cada agressão e de resistência do passado e de hoje, ecoa esse grito: Queremos Viver, denunciam CIMI e CNBB.

O texto-base da Semana do Índio afirma que "Queremos Viver" é também uma decisão. É uma decisão comunitária, e acentua: Nós queremos viver com os outros. Quem são os outros? Nossos parentes; o próprio povo; os outros povos. Os índios do Brasil, onde são pouco mais de 200 mil — eram cinco milhões quando da chegada da esquadra de Cabral — só podem sobreviver quando se unirem entre si, em nível nacional e continental".

CNBB e CIMI acentuam que "a luta pela sobrevivência, por exemplo, dos Mapuche, no Chile e dos Miskito, entre a Nicarágua e Honduras, é uma luta importante para os povos indígenas no Brasil. Por outro lado, eles só podem sobreviver com a sociedade nacional e não contra ela. E a sociedade nacional, por sua vez, só pode sobreviver em dignidade, com os povos indígenas. Quanto mais se juntam povos indígenas e a sociedade nacional, sob a bandeira da vida, tanto mais fácil será a vida para todos.